

**AS TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO COMO
AGENTES DE
INTEGRAÇÃO DO
CURRÍCULO COM A
GLOCALIDADE**

THE INFORMATION AND
COMMUNICATION
TECHNOLOGIES AS AGENTS OF
INTEGRATION OF THE
CURRICULUM WITH GLOCALITY

TECNOLOGÍAS DE INFORMACIÓN
Y COMUNICACIÓN COMO
AGENTES DE INTEGRACIÓN
CURRICULAR CON LA
GLOCALIDAD

Bento Duarte Silva¹
Ademilde Silveira Sartori²
Rafael Gué Martini^{3, 4}

RESUMO

A partir de um estudo de caso qualitativo sobre o programa de extensão Educom.Cine, que promoveu a produção audiovisual no ensino fundamental, refletimos sobre a possibilidade das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) se configurarem como a espinha dorsal de um currículo mais atento aos

¹ Professor Catedrático no Instituto de Educação da Universidade do Minho. Braga, Portugal. Licenciado em Ensino de História e Ciências Sociais e Doutor em Ciências da Educação – Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho. E-mail: bento@ie.uminho.pt. ORCID: 0000-0001-5394-5620.

² Professora do Departamento de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. E-mail: ademildesartori@gmail.com

³ Professor do Departamento de Pedagogia a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil. Doutorando em Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho. E-mail: rafael.martini@udesc.br

⁴ Endereço de contato com os autores (por correio): Universidade do Minho. Instituto de Educação. Campus de Gualtar. 4710-057 Braga, Portugal.

processos de integração da escola com sua localidade. Nesta perspectiva, a escola se tornaria o centro de gerenciamento de diversos canais comunitários de comunicação, onde a produção escolar seria vinculada e publicizada à toda a comunidade. Esta se configuraria em uma proposta de integrar o uso das TIC no ambiente escolar com seu uso não-formal, estimulando os estudantes a agir no local (bairro) pensando também no global, numa perspectiva glocal.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia educativa; educomunicação; currículo escolar; ecossistema comunicativo; audiovisual.

ABSTRACT

Based on a qualitative case study on the Educom.Cine extension program, which promoted audiovisual production in elementary education, we reflected on the possibility of Information and Communication Technologies (ICT) becoming the backbone of a more attentive curriculum to the processes of integration of school with its locality. In this perspective, school would become the center of management of several community communication channels, where school production would be linked and publicized to the whole community. This would be part of a proposal to integrate the use of ICT in school environment with its non-formal use, stimulating the students to act in the local (neighborhood) considering also the global, in a glocal perspective.

KEYWORDS: Educational technology; educommunication; school curriculum; communicative ecosystem; audio-visual.

RESUMEN

A partir de un estudio de caso cualitativo del programa de extensión Educom.Cine, que promovió la producción audiovisual en la escuela primaria, se reflexiona sobre la posibilidad de que las Tecnologías de Información y Comunicación (TIC) si configuren como columna vertebral de un currículo más atento a cerca de los procesos de integración de la escuela con su localidad. En esta perspectiva, la escuela se convierte en el centro de la gestión de los canales comunitarios de comunicación, donde la producción de la escuela sea divulgada



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p387>

a toda la comunidad. Esto se configura en una propuesta para integrar el uso de las TIC en el entorno escolar con su uso no formal, estimulando los estudiantes para tomar medidas en nivel local (bairros) y también a pensar globalmente, en una perspectiva glocal.

PALABRAS CLAVE: Tecnología educacional; comunicación educativa; currículo; ecosistema de comunicación; audiovisual.

Recebido em: 15.03.2017. Aceito em: 23.05.2017. Publicado em: 01.07.2017.

Cenário e problemática

Partimos de um cenário já conhecido na educação mundial, aquele que nos apresenta o desenvolvimento tecnológico como uma possibilidade e a mudança na metodologia pedagógica como uma necessidade. Neste cenário constata-se a importância do fortalecimento da relação entre a comunicação e a educação – o que acreditamos que seja o objetivo principal da Educomunicação. De acordo com Silva e Teixeira (2015) o neologismo Educomunicação, une as áreas de educação e comunicação destacando de modo significativo um terceiro termo: a “ação”. Nesta definição os autores recorrem a Ismar Soares, o qual esclarece que a Educomunicação trata

do conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais (tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros de coordenação de educação à distância ou 'e-learning', e outros...), assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SOARES, 2000, p.63).

Ainda no início do século XXI, Silva (2002) ressalta que, apesar da globalização comunicacional cada vez mais intensa, a escola se mantinha praticamente inalterável: “um sistema fechado no espaço e no tempo ao exterior, à comunidade, afastado da realidade” (p.784). Cada vez a tecnologia se desenvolve mais e cada vez mais as pessoas ficam para trás, num processo de exclusão digital.

Neste cenário tecnológico e globalizado “a comunicação transformou-se em dimensão estratégica para o entendimento da produção, circulação e recepção dos bens simbólicos, dos conjuntos representativos, dos impactos

materiais” (CITELLI, 2011, p. 62). Citelli indica também a emergência de novos paradigmas sociotécnicos que devem integrar melhor a agência da escola, da família, das mídias, entre outras, em um ecossistema de comunicação voltado a fortalecer a cidadania dos indivíduos. Um destes novos paradigmas podia ser vislumbrado já nas bases da proposta da “Cidade Educativa”, divulgada em relatórios editados na década de 70 pela UNESCO e Fundação Europeia da Cultura e cuja estratégia incluía a abertura da escola à comunidade (SILVA, 2002). Tanto os documentos produzidos na década de 70, quanto as novas perspectivas de pesquisa apresentam esta tensão entre a escola fechada, resistente à mudança, e a necessidade de repensar a escola como um espaço aberto à sociedade educativa – que se fortalece com as possibilidades de ação em rede. O Relatório “Aprender a Ser”, coordenado por Edgar Faure, é bem claro na necessidade dessa abertura: “o seu advento [Cidade Educativa] só poderia conceber-se no fim dum processo de compenetração íntima da educação e do encadeamento social, político e económico, nas células familiares, na vida cívica” (FAURE, 1974, p. 249). Já na viragem do milênio, novamente a UNESCO, em relatório coordenado por Jacques Delors sobre a educação para o século XXI, intitulado “Educação, Um Tesouro a Descobrir”, estabelecia uma forte relação entre as sociedades educativas e as sociedades da informação. A Cidade Educativa é reforçada pela emergência espetacular de “sociedades da informação”, já que estas constituíam um dos fenômenos mais promissores do final do século XX, recomendando, por consequência, “que todas as potencialidades contidas nas novas tecnologias da informação e da comunicação sejam postas a serviço da educação e da formação” (DELORS, 1998, p. 66-67).

Hoje, passada a resistência da escola às tecnologias, reconhecemos com mais facilidade a existência de outros espaços que podem ser chamados de

“escola”, além daquele ocupado pela educação formal. Os meios de comunicação de massa, junto com a família e outros espaços de educação não-formal ou informal, já em 1971, forneciam 80% da informação que chegava aos alunos, segundo a UNESCO (SILVA, 1998, p. 170). Ou seja, a ampliação do acesso aos meios evidenciou a importância da comunicação para os processos educativos e para a própria construção da sociedade.

A comunicação é a prática de constituição social *par excellence* que os seres humanos (e talvez alguns animais inteligentes) cultivam de forma permanente a fim de expressarem-se a si mesmos – e para si mesmos – em relação a seus ambientes físicos, sociais e simbólicos” (VIZER; CARVALHO, 2009, p. 151)5.

É na comunicação e pela comunicação que os seres humanos constroem sua realidade. Freire (1988) fala da 'palavramundo' para representar este fluxo do mundo para a sua encarnação em palavra ou da palavra até sua materialização no mundo, com a palavra (símbolo da comunicação) poderíamos escrever e re-escrever o mundo. De forma similar Cloutier (1975) ⁵ ressalta que informar é dar forma à matéria, que poderia ser definida como energia informada.

Se o homem adquiriu um certo controlo do seu ambiente, é porque soube 'organizar a energia', porque soube 'informá-la', o que lhe confere um poder relativo sobre a matéria que, de facto, não é mais do que energia 'informada' (CLOUTIER, 1975, p.226).

Por isso, a importância da comunicação nos ambientes comunitários. Para que os coletivos possam transformar a realidade é imprescindível que saibam primeiramente comunicar essa mudança. Kaplún (1996), autor que cunhou o termo educomunicação, insistia em lembrar que a etimologia da

5 Tradução livre do texto original em espanhol.

palavra comunicação tem sua raiz latina no termo *communis*, que é a mesma raiz da palavra comunidade, e que tem o sentido de colocar algo em comum com o outro ou com o grupo - o sentido mesmo da alteridade. Ou seja, é com o outro, é nesta relação comunicativa estabelecida em diálogo que criamos a nossa realidade e nos inventamos a nós mesmos e o próprio mundo.

Ao nos comunicarmos vemos o real sentido daquilo que pensamos e nosso pensamento transforma a realidade. Pois, da mesma forma que é possível dizer que somos fisicamente aquilo que comemos, somos intelectual, psicológica e socialmente aquilo que vemos, escutamos, pensamos, falamos, acreditamos e comunicamos ao mundo e com o mundo. Assim, tanto melhor será o mundo quanto mais construtiva for a comunicação que nos rodeia. Este seria o sentido mesmo da comunicação social, um instrumento coletivo para a construção da sociedade.

Mas o espaço da comunicação como utilidade pública não é respeitado e vira com frequência balcão de comércio e de promoção de interesses particulares. A TV, por exemplo, exerce muita influência ao agenciar as temáticas de seus patrocinadores da forma que estes julgam mais adequada aos seus negócios e não ao interesse público. Esta e outras agências comunicacionais comerciais, tratam de ensinar os comportamentos ligados ao consumo e não ao exercício da cidadania. A escola, que deveria se ocupar da formação cidadã, acaba concentrando muito de seus esforços em desconstruir uma série de pré-conceitos que vem arraigados na (sub)cultura dos meios de massa.

Colocados estes desafios, numa perspectiva sociocomunicativa, podemos refletir sobre como fazer com que a escola imutável, inalterável, se transforme neste espaço educativo aberto à comunidade, ao ponto de chegarmos à cidade

educativa proposta pela UNESCO. Quem sabe este não seria um dos novos paradigmas sociotécnicos apontados por Citelli (2011).

A caminho da cidade educativa

A partir da reflexão sobre o processo de produção audiovisual com alunos de 5º ao 9º ano no âmbito do programa de extensão Educom.Cine (fundamentado no campo da Educomunicação), surge a proposta de integrar escola, moradores, instituições e governos em comunidades de aprendizagem espontâneas, onde estudariam em conjunto soluções inovadoras para problemas de sua localidade.

A escola seria o centro de referência do seu bairro, responsável por administrar diversas comunidades de aprendizagem de acordo com temáticas sociambientais transversais. Uma temática possível seriam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos por centenas de países e chancelados pela ONU (ONU BRASIL, 2017). Assim, poderíamos ter um grande ganho na integração glocal (mais adiante discutiremos este conceito). Esta integração constituiria um novo paradigma sociotécnico, amparado pela plataforma tecnológica oferecida pelo ciberespaço, mas com foco no desenvolvimento das pessoas, por meio do fortalecimento das relações interpessoais e interinstitucionais. Esta perspectiva é estudada sob o ponto de vista da Comunicação Comunitária por Peruzzo (2012) que afirma que “o custo social do não empoderamento coletivo das TICC6 para efeito de implementação de alternativas duráveis de comunicação comunitária contribui para o atraso na transformação da realidade local” (p. 83). A hipótese de Peruzzo é que a cibercultura poderia ajudar a configurar processos

6 Peruzzo inclui um duplo “C” na sigla das Tecnologias de Informação e Comunicação, como forma de indicar a presença do conhecimento em todo o processo tecnológico.

organizativos autogestionários de alta conectividade, no âmbito da comunicação popular e comunitária, no sentido da construção de uma nova sociedade (ibid.). A proposta de uma escola mais ligada aos processos cooperativos de organização, típicos da comunicação popular comunitária, possibilitaria a criação e distribuição de conteúdos info-comunicativos diversos daqueles que circulam nos mass media tradicionais, estes produtos se configurariam como uma alternativa de comunicação local de qualidade. A escola, com seus nativos digitais, seria um grande potencializador da comunicação comunitária popular alternativa, fortalecendo o ecossistema de comunicação local enquanto uma Comunidade Emergente de Conhecimento, conceito abordado por Peruzzo (2012).

Ao expandirmos a abrangência da escola, enquanto centro emanador de cidadania, poderíamos considerar que todos os cidadãos de sua comunidade são potenciais alvos de seus princípios educativos. Uma visão reforçada pela necessidade de educação continuada, ou educação para toda a vida. E que preparo melhor para o exercício da cidadania um aluno/cidadão poderia ter do que o incentivo à sua participação ativa no bairro onde vive e estuda? Silva (2002) afirma que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a facilidade na criação de redes abrem possibilidades de renovação da escola "como uma *comunidade de aprendizagem aberta à comunidade global* (p. 785)". Comunidade que, ligada em rede com o mundo, pode ser considerada glocal - pensar no global e agir no local.

Esta perspectiva de transformação é reforçada pelo professor João Barroso (2017). Ao fazer uma revisão dos artigos publicados ao longo de 24 edições do Colóquio da Associação de Estudos e Investigação em Educação (Afirse) em Portugal, Barroso aponta a tendência de se alterar o conceito da escola como um ambiente mais *lato* de aprendizagem, mais diversificado e

territorial. O edifício da escola seria pulverizado pelo território, numa territorialização da escola. "O local é onde emergem os problemas e se constroem as soluções" (BARROSO, 2017). Justamente em função desta necessidade de resolução de problemas, sugerimos que a estratégia pedagógica desta escola territorializada seria a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), que valoriza as atividades coletivas e a execução de projetos. A ABP é também uma das técnicas pedagógicas indicadas pela UNESCO para o ensino e a aprendizagem da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI). Ela compreende

um método de aprendizagem altamente estruturado e cooperativo, que visa a aprimorar tanto o conhecimento individual quanto o coletivo, engajando os estudantes na investigação crítica aprofundada de problemas verídicos. (WILSON et al, 2013, p.35)

Na ABP, os estudantes são os administradores de seus objetivos de aprendizagem, dos métodos de investigação e dos resultados. Desta forma compreende um sistema pedagógico que desenvolve simultaneamente o pensamento crítico e os conhecimentos de base, aplicados na solução de problemas que necessitam de habilidades interdisciplinares, que são adquiridas no processo pelos estudantes (ibid.).

Dentro deste novo paradigma sócio-educacional, poderíamos incluir as TIC, não apenas como uma plataforma de aprendizagem, mas como agentes de propagação de um currículo mais vivo, orientado à qualificação do ecossistema comunicativo da escola/bairro. Ampliando e qualificando a aura de atuação dos alunos e da escola em seu território. Neste contexto de parceria sociedade-escola-bairro, os alunos/cidadãos, com o apoio e acompanhamento dos professores, a colaboração de voluntários, participação de amigos e familiares, transformariam seus projetos de aprendizagem em produtos, a serem

divulgados em sua comunidade. Estes produtos, desenvolvidos em diversas linguagens, constituiriam parte da programação de canais virtuais comunitários de TV, rádio, bibliotecas virtuais, e demais canais digitais criados a partir da disponibilidade das TIC, enquanto estruturas de produção e propagação de redes e conteúdos.

Estes canais de comunicação local seriam constituídos pela escola em conjunto com a comunidade e gerenciados de forma participativa. O incentivo à produção local e continuada de produtos comunicativos, num exercício constante de linguagem, possibilitaria, como consequência, o domínio da técnica. O convívio dos professores e dos próprios moradores do bairro com os nativos digitais, na execução de projetos envolvendo o uso da tecnologia, promoveria a formação bilateral – uns se alfabetizando tecnologicamente, e outros, ética e epistemologicamente.

O currículo seria esta rede multimídia de processos de comunicação onde, ao criar suas conclusões dos trabalhos, cada aluno (ou grupo de alunos) consolidaria suas aprendizagens e, simultaneamente, teria sua voz propagada em toda a comunidade. Um exercício de cidadania que recolocaria a escola no centro da sociedade como promotora de conhecimento e mudanças. Aqui teríamos uma intersecção com outra perspectiva de inovação para o século XXI apontada por Abílio Amiguiño (2017): a tentativa de fundir inovação educativa e social na parceria da escola com trabalhadores sociais - um trabalho inter-relacional com equipes multidisciplinares e multi-institucionais.

Também podemos relacionar esta possibilidade educacional com o pensamento de Cloutier (1975) que, já em 1974, apontava que o uso das tecnologias na escola implicaria o ensino da comunicação como utensílio, principalmente para que os alunos pudessem aplicá-la utilizando os *self-media*. "A aprendizagem da comunicação, enquanto 'utensílio', deve ser flexível e

acessível a todos" (p. 241), pois, para o autor, ela corresponde ao ensino do audiovisual e possibilitaria ampliar o repertório de linguagens dominadas pelos estudantes. Esta proposta de uso dos meios audiovisuais na escola complementaria o ensino da linguagem escrita, evitando a oposição dessa com as demais linguagens e considerando a importância de compreender o universo multimídia como um universo de possibilidades de comunicação áudio-scripto-visual.

No seio das instituições, o ensino da comunicação audio-scripto-visual seria uma actividade horizontal e não compartimentos estanques, encontraria seu lugar ao lado de ensinamentos metodológicos concebidos como instrumentos de trabalho e não como objectos de ciências em si. (CLOUTIER, 1975, p. 241).

Por outro lado, Pérez Tornero (2015) alerta para o surgimento de um novo tipo de analfabetismo, que agrava o analfabetismo convencional. "É a diferença cognitiva (...), relativa ao novo entorno midiático e que tem consequências sobre todos os âmbitos da vida"⁷ (p.01) A partir da análise dos relatórios da UNESCO, o autor destaca que "não é possível lutar eficazmente contra a desigualdade se não se eliminar os obstáculos à difusão do conhecimento e da educação representado por esses analfabetismos"⁸ (ibid., p.02). Entre estes estaria o analfabetismo audiovisual, que é também um dos mais significativos, visto que a principal linguagem dos meios massivos é a audiovisual.

Ainda sobre estas transformações, Pérez Tornero indica o surgimento de novos campos de pesquisa para dar conta das lacunas de formação dos indivíduos para lidar com as TIC.

7 Tradução livre do texto original em espanhol.

8 Tradução livre do texto original em espanhol.

A competência midiática e informacional, assim como os processos mediados por ela, estão se tornando um novo campo de pesquisa. A ênfase é então colocada nas novas capacidades dos indivíduos, em sua influência sobre os processos psicológicos e sociais (Carlson, Tayie, Jacquinet-Delaunay e Perez, 2009), na construção de novos paradigmas sociais de relacionamento (Pentland, 2014) com base na criatividade e na inovação das pessoas e suas relações, bem como na emergência de novos paradigmas que estão transformando espaços, tempos, conteúdos e culturas (Jenkins, 2006). (PÉREZ TORNERO, 2015, p. 6)⁹

Por fim, esta proposta vai de encontro aos esforços recentes da UNESCO em estabelecer um currículo de formação em Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) ou Midia Education and Information Literacy (MIL), com destaque para o documento lançado em 2013, resultado do esforço de anos de diálogo reunindo o pensamento de pesquisadores desta área em vários países do mundo. Ao propormos a comunicação como o centro do processo educativo, em um currículo que tem como trilhos as TIC, estamos proporcionando a oportunidade das comunidades escolares “desenvolverem uma compreensão sobre a diferença entre ensinar sobre e ensinar por meio da alfabetização midiática e informacional” (WILSON et al, 2013, p. 60).

Utopia possível – Educom.Cine: audiovisual, educação e cidadania

Efetivamente a proposta de colocar a comunicação no centro da pedagogia escolar não é uma novidade. Já Freinet, um dos pioneiros nesta tarefa, praticava esta possibilidade com a imprensa escolar na década de 60 do século XX.

9 Tradução livre do texto original em espanhol.

Os alunos apaixonaram-se pela composição e pela impressão, coisas que não eram todavia simples com o material ainda rudimentar de que dispúnhamos. Eles deixaram-se prender pelas novas tarefas, não porque a ordenação dos caracteres nos componedores pudesse ser atraente, mas sobretudo porque tínhamos descoberto um processo normal e natural da cultura; a observação, o pensamento, a expressão natural tornavam-se texto perfeito. (FREINET, 1975, p.25)

Quase 60 anos depois, a comunicação segue sendo redescoberta como instrumento fascinante e transformador na escola, conforme pode ser visto no depoimento de uma aluna de 12 anos participante do Programa Educom Cine:

Eu me sinto orgulhosa em saber que nós fizemos isso e tivemos todo esse resultado. Não sei explicar, mas é muito orgulho saber que nós trabalhamos e demos duro. Lógico que, com a presença de adultos também que fazem, estudam e trabalham com isso. (informação verbal)¹⁰

O programa de extensão “Educom.cine: Participação e Cidadania”, da Universidade do Estado de Santa Catarina, realizou oficinas de audiovisual para promover a integração entre a comunidade escolar e os movimentos sociais no ano de 2015. O projeto foi oferecido como atividade extracurricular na Escola Básica Municipal Albertina Madalena Dias, com a missão de colocar a comunicação a serviço da solidariedade, da interdisciplinaridade e da prática da cidadania por meio da alfabetização audiovisual. Foram integrados no programa estudantes e professores da rede pública, ONGs e movimentos sociais, bem como demais interessados nas comunidades do entorno da escola. Todos empenhados na reflexão e ação coletivas, bem como no domínio das técnicas audiovisuais.

¹⁰ Depoimento gravado durante realização de grupo focal conduzido pela pesquisadora Mariana Roncale em 08/12/2015.

As oficinas do projeto Educom.Cine ocorreram duas vezes por semana, no período de quatro horas do turno da tarde, nos dois semestres letivos, sendo interrompidas durante o recesso escolar de inverno. Em média, quinze alunos participaram por semestre, com faixa etária entre 11 e 18 anos. Os estudantes tiveram ao longo do projeto aulas de roteiro, direção, produção, captação, som, animação e edição que foram integradas em exercícios práticos com oficinairos qualificados, utilizando equipamentos profissionais. As oficinas foram alternadas de acordo com a ordem em que ocorre uma produção audiovisual. Em alguns momentos ocorreram simultaneamente, sempre que a preparação para as filmagens exigia a integração entre as diversas áreas e principalmente na hora das filmagens - momento em que haviam ao menos dois oficinairos.

Em um ano foram produzidos dois episódios do programa denominado pela turma "Luz, Câmera: Educom!". A temática dos programas foi inspirada nos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), promovidos pela ONU.

Quando a gente é criança a gente vê aqueles filmes na televisão e a gente pensa como aquilo aconteceu. E neste curso temos uma noção, uma ideia de como fazer, e a gente faz sabe, isso é o mais legal. (depoimento de aluno de 14 anos do Programa Educom.Cine – informação verbal)¹¹

Seguindo os propósitos da educomunicação, o programa Educom.Cine teve como um de seus objetivos promover a alfabetização audiovisual no ambiente escolar. Foram cerca de trinta alunos ao longo do ano, em um

¹¹ Depoimento gravado durante realização de grupo focal conduzido pela pesquisadora Mariana Roncale em 08/12/2015.

processo de formação que abordou vários aspectos, como o aprendizado técnico do uso dos equipamentos, o trabalho colaborativo em equipe e a conexão do global com o local. Isso porque “compreendemos hoje que o campo de produção audiovisual é transversal, não apenas para a expressão estética, mas para o comportamento e para a expressão política” (BENTES, 2014, p. 109).

O programa buscou também dar voz aos participantes, estimular e desenvolver suas capacidades de expressão e comunicação, seguindo a linha de raciocínio de Soares (2011), que defende experiências educacionais que procuram entender e escutar os jovens da atualidade.

Na verdade, uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas. Fazer sentido para ele significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações. Que entenda o jovem. E não dá para entendê-lo, sem sequer escutá-lo. (SOARES, 2011, p. 8)

Caminhar no mesmo ritmo das crianças e adolescentes significa repensar as práticas pedagógicas, compreender que a escola não é a única fonte de informação e perceber quais são as formas com que os alunos se relacionam com a sociedade e com as mídias digitais. O programa Educom.Cine buscou caminhar neste sentido e o estudo de sua experiência possibilitou vislumbrar uma utopia possível, dentro das diversas possibilidades de renovação do ambiente escolar.

Considerações finais

Inspirada no Projeto “Educom.cine: Participação e Cidadania” talvez tenhamos diante de nós uma proposta de inovação, ou apenas velhas

experiências revisitadas. Independente disso, nos parece boa a ideia de, além da reflexão, colocar em ação propostas curriculares que contemplem a perspectiva da Educação para a Comunicação ou Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), principalmente considerando as possibilidades de produção e difusão facilitadas pelas TIC neste tempo de pós-modernidade.

Boaventura de Sousa Santos (2000),¹ em sua feliz cartografia para se viajar no mundo pós-moderno, delineou algumas características desta contemporaneidade ainda difusa, entre elas a emergência da utopia possível e a necessidade de ancoragem territorial. A utopia possível seria, segundo o autor, aquela idealização que pode estar ao nosso alcance, enquanto potencial de evolução da humanidade. A ancoragem territorial se traduz na necessidade de, além de estarmos conectados ao mundo, termos um local onde atuar para ver nossas ideias florescerem qual ocorre no jardim de nossa casa. Uma recomendação para mantermos algum vínculo territorial que possa fortalecer nossa identidade e facilitar a preservação de nossas raízes culturais.

O educador pode vir a ser uma peça fundamental neste novo paradigma sociotécnico onde atuaria como o gestor do ecossistema de comunicação da escola/bairro. Seria o promotor das parcerias, o incentivador do diálogo, o facilitador dos processos de produção capitaneados por alunos, professores e comunidade. A partir da escola, atuaria 'glocalmente' como um agente comunitário de comunicação (MARTINI, 2006).

Referências

AMIGUINHO, Abílio. **Cooperação e colaboração das escolas com a comunidade**. Lisboa. 2017 (informação verbal). Mesa-redonda realizada no XXIV Colóquio da AFIRSE Portugal em 02 de fev. de 2017.

BARROSO, João. **O estudo da escola: balanço e perspectivas**. Lisboa. 2017 (informação verbal). Conferência realizada no XXIV Colóquio da AFIRSE Portugal em 02 de fev. de 2017.

BENTES, I.. Imaginários periféricos e vidas-linguagens: formação audiovisual livre. In BARBOSA, M. C. S.; SANTOS, M. A. dos (orgs.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

CITELLI, A. O.. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. Castilho (Orgs.), **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 59–76.

CLOUTIER, J.. **A Era de EMEREC ou a Comunicação Áudio-scripto-visual na hora dos self media**. Lisboa: Instituto de Tecnologia Educativa, 1975.

DELORS, J. (coord.). **Educação, Um Tesouro a Descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

FAURE, E. (coord.). **Aprender a ser**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed.. São Paulo: Cortez, 1988.

KAPLÚN, M.. **El comunicador popular**. Buenos Aires: Lumen-humanitas, 1996.

KAPLÚN, M.. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. Castilho (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p.175 – 186.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n4p387>

MARTINI, R. G.. Gestão Comunitária de Comunicação. **UNIREvista**, São Leopoldo, Vol. 1, n. 3, jul. 2006.

ONU Brasil. **Transformando Nosso Mundo**: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acessado em 14 de março de 2017.

PERUZZO, C. M. K.. Desafios da Comunicação Popular e Comunitária na Cibercultur@: Aproximação à proposta de Comunidade Emergente de Conhecimento Local. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 25, 2012.

PÉREZ TORNERO, José M.. La emergencia de la alfabetización mediática e informacional: Un nuevo paradigma para las políticas públicas y la investigación. **Revista TELOS** (Cuadernos de Comunicación e Innovación), 4-7, 2015.

SANTOS, B. de S.. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. V.1. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, B.. A Glocalização da Educação: da escrita às comunidades de aprendizagem. In: **O particular e o global no virar do milênio**: cruzar saberes em educação. Actas do 5º Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2002. p. 779-788.

SILVA, B.. **Educação e Comunicação**. Braga: CEEP- Universidade do Minho, 1998.

SILVA, B.; TEIXEIRA, M.. A Educomunicação do Rádio. In TORRES, P. L. (org.). **Tecnologias Digitais para Produção do Conhecimento no Ciberespaço**. Curitiba: SENAR - PR, 2015. p. 108-123.

SOARES, I.. Educomunicação: As perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: o caso dos Estados Unidos. **EccoS Rev. Cient.**, UNINOVE, São Paulo, v. 2, n. 2, p.61-80, dez. 2000.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p387>

SOARES, I. de O.. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

VIZER, E. A.; CARVALHO, H.. Comunicación y socioanálisis en comunidades y organizaciones sociales. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, n. 11, ano 6, 148–157, Jul./Dez. 2009.

WILSON, C. et al. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do Programa de Doutoramento Technology Enhanced Learning and Societal Challenges, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, FCT I. P. – Portugal, investigação financiada com a bolsa # **PD/00173/2014**

 FCT PhD PROGRAMMES